

Grupo I - A

Lê atentamente o poema de *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

Prece

Senhor, a noite veio e a alma é vil.
Tanta foi a tormenta e a vontade!
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,
O mar universal e a saudade.

Mas a chama, que a vida em nós criou,
Se ainda há vida ainda não é finda.
O frio morto em cinzas a ocultou:
A mão do vento pode erguê-la ainda.

Dá o sopro, a aragem - ou desgraça ou ânsia -,
Com que a chama do esforço se remoça,
E outra vez conquistemos a Distância -
Do mar ou outra, mas que seja nossa!

PESSOA, Fernando, 2008. *Poesia do Eu*. Lisboa: Assírio & Alvim (2.ª ed.)

Apresenta, de forma clara e estruturada, as tuas respostas aos itens que se seguem.

1. Estabelece a ligação entre o título e o assunto do texto.
2. Caracteriza os dois momentos temporais aludidos no texto: o passado e o presente.
3. Refere os sentimentos expressos na última estrofe, identificando a sua origem.
4. Ao longo do texto, o sujeito poético fala em nome de um "nós" (v. 5).
 - 4.1. Identifica o grupo em que se integra e a que dá voz no texto.

Opção 1-

1. Tendo em conta a tua experiência de leitura de *Frei Luís de Sousa* expõe, num texto de oitenta a cento e trinta palavras, o drama interior vivido por Telmo, recorrendo, no mínimo, a dois exemplos significativos. (20 pontos)

Opção 2

2. Num texto de oitenta a cento e trinta palavras, demonstra o carácter épico-lírico de *Mensagem*. (20 pontos)

Grupo II

Lê atentamente o texto que se segue.

D. Sebastião regressará numa manhã de nevoeiro

Se existe um mito fundamental da nacionalidade portuguesa, esse mito é o do Sebastianismo. Independentemente da classe social e do nível de educação, quase toda a gente vive à espera de alguém que "venha endireitar isto". [...]

5 O "legítimo" *Desejado*, fundador inconsciente do mito, foi D. Sebastião. Paradoxalmente, tratou-se talvez do pior rei da História portuguesa, se é que tais coisas podem ser medidas com fiabilidade. Vejamos como pôde isto acontecer.

10 Sentado no trono aos 14 anos de idade, em 1568, o neto de D. João III (o pai morrera com 16 anos, de diabetes juvenil) pensava em tudo menos em governar o País. Sem fazer grande caso do que os conselheiros lhe diziam, misógino e desprezando totalmente a descendência (nunca lhe passou pela cabeça ter um filho), sonhava com caçadas e guerras contra os "infiéis". Um dia embarcou em Paço de Arcos para Tânger sem dar palavra a ninguém e ali quis convencer a guarnição daquela praça-forte ocupada pelos portugueses a reconquistar Larache e Arzila, abandonadas pelo avô. Conseguiu regressar com vida mas ia naufragando numa tempestade que o atirou para a Madeira. Sempre a sonhar com um 15 império cristão no Norte de África, resolveu em 1578 intervir numa disputa entre dois senhores da guerra marroquinos, aliando-se a um deles. Arrastou para a aventura toda a nobreza portuguesa, à frente de um exército de 25 mil homens. Partiram como se fossem para uma festa, e a maioria perdeu a vida em Alcácer Quibir, numa batalha absurda - sem objetivo, sem tática, sem liderança. Oliveira Martins escreveu que no areal onde se travara a batalha se acharam 10 mil guitarras, mas isso também deve ser um mito.

20 Feitos prisioneiros, muitos nobres foram regressando à medida que iam sendo pagos os resgates exigidos pelos marroquinos. Quem não se lembra do "Romeiro" da peça de Almeida Garrett *Frei Luís de Sousa*, que não era outro senão D. João de Portugal, um nobre desaparecido em Alcácer Quibir? Chegavam também muitos cadáveres de nobres. Como o corpo do rei não fosse encontrado, nasceu a crença no seu regresso com vida, mais tarde ou mais cedo. O desejo popular de que isso sucedesse devia-se ao facto de D. Sebastião não ter descendentes, o que significava que a coroa deveria passar para Felipe II de Espanha, 25 filho de Isabel de Portugal e neto de D. Manuel I. Isso veio efetivamente a acontecer, tendo Portugal estado ligado à Espanha entre 1580 e 1640.

30 Durante estes 60 anos os patriotas não pararam de sonhar com o regresso do *Desejado*, também chamado *Encoberto* e *Adormecido*. O seu aparecimento deveria verificar-se numa manhã de nevoeiro, à proa de um navio, para resgatar Portugal e fundar um novo império. Mas durante os primeiros tempos de "dominação filipina" (como costuma dizer-se) esta aspiração popular não era compartilhada pela maioria da nobreza, que esteve aliada aos reis espanhóis, só vindo a mudar de opinião muito mais tarde, já na década de 1630. Um grupo de fidalgos lideraria então a Restauração, um movimento largamente apoiado pelo povo.

MARTINS, Luís. D. Sebastião regressará numa manhã de nevoeiro" in *Visão*, n.º 910, 12 de agosto de 2010

1. Para responderes a cada um dos itens 1.1. a 1.7., seleciona a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

1.1. Com a utilização do advérbio "*Paradoxalmente*" (l.4), o jornalista

- (A) explora a fundação do mito sebastianista.
- (B) salienta a incompetência governativa de D. Sebastião.
- (C) chama a atenção para as facetas antagónicas de D. Sebastião.
- (D) enaltece as virtudes espirituais do rei *Desejado*.

- 1.2. O antecedente do pronome pessoal que ocorre em "*Sem fazer grande caso do que os conselheiros lhe diziam*" (II.8-9) é
- (A) "*D. Sebastião*" (I.4).
 - (B) "*o neto de D. João III*" (I. 7).
 - (C) "*pai*" (I. 7).
 - (D) "*conselheiros*" (I. 9).
- 1.3. A enumeração "*sem objetivo, sem tática, sem liderança* ." (I. 17) destaca
- (A) as dificuldades em encontrar um líder para a missão portuguesa.
 - (B) a insensatez da participação portuguesa na batalha.
 - (C) a falta de experiência dos soldados.
 - (D) a escassez de recursos materiais das tropas lusas.
- 1.4. Relativamente ao conteúdo da oração anterior, a oração iniciada por "*mas*" (I. 18) apresenta
- (A) uma consequência.
 - (B) uma ideia equivalente.
 - (C) um outro ponto de vista.
 - (D) um explicitação.
- 1.5. O constituinte sublinhado na frase "*Chegavam também muitos cadáveres de nobres.*" (II.21-22) desempenha a função sintática de
- (A) complemento direto.
 - (B) sujeito.
 - (C) predicativo do sujeito.
 - (D) modificador do nome restritivo.
- 1.6. As orações "*para resgatar Portugal e fundar um novo império.*" (I.30) são subordinadas
- (A) adverbiais causais.
 - (B) adverbiais finais.
 - (C) adverbiais consecutivas.
 - (D) adverbiais temporais.
- 1.7. As expressões "*em 1568*" (I.7), "*em 1578*" (I. 14), "*entre 1580 e 1640*" (I.26) e "*na década de 1630*" (II.32-33), usadas no decorrer do texto, contribuem para garantir a sua coesão
- (A) lexical.
 - (B) referencial.
 - (C) temporoaspetual.
 - (D) interfrásica.

2. Responde de forma correta aos itens apresentados.

- 2.1. Refere a função sintática de "um nobre desaparecido em Alcácer Quibir " (I.21).
- 2.2. Classifica a oração presente em "como se fossem para uma festa"(I.17).
- 2.3. Identifica a função sintática desempenhada pelo constituinte sublinhado em "*esta aspiração popular não era compartilhada pela maioria da nobreza.*" (II.31-32).

CORREÇÃO

Grupo I-A

1. O poema "Prece", que integra a segunda parte de Mensagem, "Mar Português", corresponde a uma súplica do sujeito poético a uma entidade superior, um "Senhor" (v. 1), a quem pede auxílio para que se renove "a chama do esforço" (v. 10) que permitirá alterar a realidade presente e conquistar momentos gloriosos, como os que fizeram parte do passado do povo português.

2. Existe claramente uma oposição entre o passado e o presente, uma vez que, naquele tempo, apesar das "tormenta(s)" (v. 2), havia "vontade" (v. 2) e "vida" (v. 5), mas, no presente, apenas restam "a noite" (v. 1), o "silêncio hostil" (v. 3) e a "saudade" (v. 4). Ainda assim, perante a dura e triste realidade, o sujeito poético ainda transmite a esperança num esforço que faça rejuvenescer a pátria e reacenda "a chama" (v. 10) da vida.

3. Na última estrofe, o sujeito poético manifesta a sua esperança e a sua fé, pois acredita que ainda é possível revigorar a pátria e recuperar a grandeza perdida, conquistando a "Distância" (v. 11), ou seja, o ideal que outrora foi representado pela conquista marítima e que, agora, associa ao Quinto Império e ao orgulho de ser português.

4.1. O sujeito poético utiliza a primeira pessoa do plural ("nos", v. 3, "nós", v. 5, "conquistemos", v. 11, e "nossa", v. 12) para se assumir como membro de uma coletividade. Falando e pedindo ajuda em nome do povo português, incita também os restantes lusitanos a realizar um esforço comum para que se torne possível conquistar a "Distância". Esta estratégia linguística reforça o tom intimista do texto.

Grupo II

1.1. (C); 1.2. (B); 1.3. (B); 1.4. (C); 1.5. (B); 1.6. (B); 1.7. (C).

2.1. Modificador de nome apositivo.

2.2. Subordinada adverbial comparativa.

2.3. Complemento agente da passiva.